



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



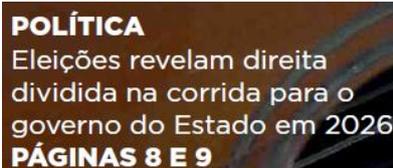
Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

12 e 13 de outubro de 2024

Capa e Política

“Direita vitoriosa e dividida”

Direita vitoriosa e dividida / Eleições 2024 / Julian Borba / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC



>> POLÍTICA | ELEIÇÕES 2024

DIREITA VITORIOSA

Resultados expressivos de PL e PSD em municípios catarinenses indicam dois partidos fortalecidos com duas lideranças que não escondem planos para a disputa ao governo do Estado

JEAN LAURINDO
jean.laurindo@nsc.com.br

Os resultados das eleições municipais de 2024 apontam para duas conclusões sobre a direita em Santa Catarina. A primeira delas foi o crescimento. O PL, partido do governador Jorginho Mello e do ex-presidente Jair Bolsonaro, conquistou 90 prefeituras, desbancou o MDB e se tornou a legenda com o maior número de prefeituras no Estado.

Mas essa tendência não se restringiu à principal legenda do bolsonarismo. O PSD fez 41 prefeituras, quarto maior número do Estado, mantendo praticamente o mesmo tamanho de 2020. A legenda também comemorou resultados expressivos como vitórias em Florianópolis e em disputas acirradas com o PL em Balneário Camboriú e Criciúma. Além disso, um dos principais líderes do partido, João Rodrigues, foi reeleito com 83% dos votos válidos em Chapecó.

O fortalecimento das duas legendas leva ao segundo resultado prático das eleições municipais em SC: a divisão no campo da direita. Com as demonstrações de força dadas nas urnas, PL e PSD se credenciam como partidos prontos para liderarem projetos para o governo do Estado em 2026. E para esse jogo muitas cartas já estão na mesa.

No PL, por exemplo, o projeto é a reeleição do governador Jorginho Mello. Ele chegou a se licenciar do governo para mergulhar de cabeça na reta final da campanha em alguns municípios. Saiu fortalecido com o número total de

prefeituras do partido e com o desempenho em algumas regiões como o Vale do Itajaí, onde elegeu quase metade das prefeituras (23 dos 54 municípios).

No lado do PSD, se havia alguma dúvida de que o partido poderia se organizar para liderar uma candidatura ao governo do Estado, o resultado das urnas tratou de clarear o cenário. A legenda teve vitórias em cidades-chave de quase todas as regiões: Chapecó, Florianópolis, Criciúma, Balneário Camboriú e Joinville — onde o partido estava coligado com o prefeito reeleito Adriano Silva (Novo).

O prefeito João Rodrigues não escondo o interesse de concorrer a governador e confirmou o desejo no mesmo dia da vitória. A reeleição com 83% de credenciais ainda mais para a corrida pelo cargo. Mesmo disputando a reeleição, Rodrigues também mergulhou em campanhas de outras cidades apoiando nomes do PSD e atualizando ainda mais o nome — ele estima que tenha feito 70% da campanha fora da sua cidade. Nos dias seguintes à vitória em Chapecó, reafirmou a possibilidade de concorrer ao governo.

— A população de Chapecó sabe que eu tenho uma possibilidade grande de sair no meio do mandato. Mas é claro, eu sairia para disputar uma chapa majoritária. Desde que seja um projeto viável, que tenha sentimento de povo, vontade popular. E numa boa conversa. Vamos conversar, claro, com o próprio governador Jorginho Mello, mas o PSD tem um projeto majoritário. O meu nome está à disposição, sim — afirmou, em entrevista esta semana à CBN Floripa.

Ele não descarta uma ida ao Senado, mas deixa claro que “não é o projeto do PSD neste momento”, sobretudo depois dos resultados alcançados em 2024. No Brasil, foi o PSD quem desbancou o MDB e se tornou o partido com o maior número de prefeituras.

As campanhas acirradas que tiveram PL e PSD de lados opostos em importantes prefeituras de SC reforçam ainda mais a divisão entre os partidos. Uma cisão que pode ser difícil de superar nos dois anos até o próximo processo eleitoral.

Rodrigues também dá recados ao PL, defendendo que há espaço para bolsonaristas também em outros partidos. O prefeito de Chapecó citou um “discurso

muito agressivo” de segmentos do PL contra o PSD — nomes como o deputado federal bolsonarista Nikolas Ferreira (PL), que esteve em cidades de SC, subiram o tom nas críticas ao PSD, associando o partido à gestão Lula.

— Sou um simpatizante do presidente Bolsonaro, mas quero compartilhar com Pablo Marçal: a direita não tem dono. Eu sou um homem de direita não é de hoje. Acho que o PL em alguns momentos comete um erro de ser exclusivo, só ele, querer ser dono (do bolsonarismo). Isso acaba afugentando outros possíveis aliados que têm um sentimento semelhante — avaliou.

No lado do PL, Jorginho já admite um possível cenário de enfrentamento com o PSD na disputa pela reeleição ao governo e diz que “disputar a eleição é livre para qualquer partido”.

— Fazer composições é a coisa mais natural que tem. Eu estou com o PP dentro do governo, estou com o MDB, tenho apoio do PSD na Assembleia, eles não estão oficialmente dentro do governo, mas o Paulo Bornhausen [secretário estadual de Articulação Internacional] é do PSD, apoiou o Topázio em Florianópolis, que é do PSD. Enfim, eu não tenho dificuldade com ninguém. Agora, quem quiser ser candidato, apresente e dispute a eleição. Isso é a coisa mais simples do mundo. Agora, eu de forma muito humilde, como sempre fui, vou tentar construir um arco de aliança para 2026 — pontuou.

PREFEITO DA CAPITAL, TOPÁZIO (PSD), “MISTUROU O SANGUE” COM O PL E VENCEU A DISPUTA NO PRIMEIRO TURNO

POSSÍVEL UNIÃO JÁ TESTADA EM FLORIANÓPOLIS NÃO É DESCARTADA

Embora os projetos de 2026 possam opor os dois partidos com os principais resultados da direita, a divisão entre PL e PSD pode ocorrer em forma de “guerra fria”, com as legendas tentando mostrar quem pode ter mais artilharia na corrida pelo governo do Estado. Para isso, os exércitos formados pelos novos prefeitos devem ajudar na conquista de aprovação e popularidade nos territórios.

Em meio a tudo isso, há ainda quem acredite em um possível projeto conjunto entre PL e PSD em 2026. Um exemplo bem-sucedido de união dos partidos, que fugiu à regra de divisão na direita, ocorreu na reeleição de Topázio Neto à prefeitura de Florianópolis. O prefeito da Capital, filiado ao PSD, “misturou o sangue” com o PL, caminhou ao lado do governador e da vice indicada por ele, teve o filho do governador na coordenação da campanha, e venceu a disputa ainda em primeiro turno, com 58% dos votos.

Uma eventual conciliação de interesses de PL e PSD, com o governador Jorginho buscando a reeleição e João Rodrigues disputando uma das duas vagas de senador, é um cenário menos provável, mas se ficar de pé deve passar pelo papel de Topázio como um intermediador. O prefeito da Capital, por sinal, precisará gerir os espaços dos dois partidos no poder já na montagem do novo governo.

Questionado sobre qual deve ser seu papel no processo de 2026, Topázio, que anunciou que ficará no cargo até o fim do mandato, afirma ainda acreditar em uma possível união de forças.

— Vou aguardar um pouquinho, ver como as melancias se acomodam no caminho, mas eu acho que o Estado só tem a ganhar se a gente conseguir fazer um projeto importante para 2026 que possa juntar o governador, o João Rodrigues, outras forças do Estado — avaliou.



1 Jorginho Mello (PL) chegou a se licenciar do governo para mergulhar de cabeça na reta final da campanha deste ano

2 Prefeito reeleito em Chapecó, João Rodrigues (PSD) não esconde o interesse de concorrer a governador em 2026



COM PREFEITO DE JOINVILLE NO HOLOFOTE, NOVO TAMBÉM SE CREDENCIA

O cientista político e professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Julian Borba, confirma a divisão no campo da direita e diz que a rivalidade das campanhas deste ano tornou mais difícil um projeto conjunto entre PL e PSD.

— A quebra de relação entre PSD e PL em função desse cenário dificilmente coloca os partidos em condição de recomposição para 2026. O natural é que saiam em duas candidaturas — aponta.

Ele avalia que os dois partidos saem fortalecidos e já se colocam para o jogo de 2026 — a fala de João Rodrigues após a vitória de domingo seria um sinal disso. Borba pondera apenas que por se tratar de uma eleição “casada”, com disputa presidencial, as definições de 2026 dependem em grande medida das decisões nacionais dos partidos, o que pode impactar até mesmo na existência das duas

candidaturas.

À espreita de PSD e PL nesta segmentação da direita pode estar o Partido Novo. A vitória de Adriano Silva, prefeito de Joinville reeleito com percentual expressivo, 78,7% dos votos, na maior cidade do Estado, também é apontada como resultado que pode cacifá-lo para um projeto estadual. Para isso, um desafio seria a estrutura partidária no Estado. Além disso, este ano o partido esteve vinculado ao projeto do PSD, com a aliança vitoriosa em Joinville e outra em Blumenau, onde Odair Tramontin foi segundo colocado na corrida pela prefeitura.

Nos últimos dias, Adriano Silva afirmou estar focado no município e não pensar em 2026 — mas também não descartou de imediato o cenário, admitindo que deve ser consultado pelo partido sobre as eleições estaduais. >> **SEGUE** >>

— E DIVIDIDA

DC Revista, AN Revista e Santa Revista (12.10 – 18.10.2024)

Capa e Política

“Esquerda busca reconstrução”

Esquerda busca reconstrução / Eleições 2024 / Luís Felipe da Graça /
Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC

ANÁLISE

Esquerda junta os cacos após
eleger apenas 7 prefeitos de
295 cidades em Santa Catarina

PÁGINAS 10 E 11

>> POLÍTICA | ELEIÇÕES 2024

ESQUERDA BUSCA RECONSTRUÇÃO

Depois de levar Décio Lima ao segundo turno das eleições para governador dois anos atrás, partidos como PT e PSOL colhem resultados abaixo do esperado e tentam corrigir rota para os próximos anos

DAGMARA SPAUTZ
dagmara.spautz@nsc.com.br

Uma sombra pairou sobre a esquerda em Santa Catarina desde a divulgação do resultado das eleições municipais. Apesar de alguns sucessos pontuais, como no caso do deputado estadual Marquito (PSOL), que ficou em segundo lugar na disputa pela prefeitura de Florianópolis, partidos à esquerda do espectro político tiveram um desempenho abaixo do projetado na disputa eleitoral.

Isso ocorre após as eleições de 2022, quando a chapa encabeçada por Décio Lima (PT) disputou o segundo turno para o governo do Estado, de carona com Lula (PT). Foi a primeira vez que a esquerda chegou à última fase das eleições em SC, o que aumentou as expectativas de um bom resultado nas eleições municipais de 2024.

O PT, maior partido à esquerda, geriu as campanhas municipais nas maiores cidades do Estado via diretório nacional. A estratégia foi ampliar o número de candidaturas em cidades-chave e ocupar o tempo de propaganda eleitoral para marcar presença no imaginário do eleitor, de olho nos 1,3 milhões de votos que Lula fez na disputa com Bolsonaro em SC em 2022.

Em SC, o partido teve um dos maiores números de candidatos de todo o país.

— Os partidos de esquerda não terão maioria em um estado como SC. Mas essa é uma estratégia válida: colocar candidaturas pensando em uma vitrine — avalia Luís Felipe da Graça, cientista político e professor da Universidade Federal de SC (UFSC).

No balanço final, de 11 prefeitos eleitos em 2020, o PT passou para sete, mesmo tendo o presidente da República como cabo eleitoral. O número de vereadores também reduziu, de 159 em 2020, para 142 em 2024, segundo dados reunidos pelo próprio partido.

Em Chapecó, no Oeste, Pedro Uczai (PT), que polarizou a disputa com o bolsonarista João Rodrigues (PSD), fez 17.755 votos — menos da metade dos 48.271 de Lula em 2022. A região é historicamente uma das que mais votam no PT em Santa Catarina. São de lá três deputados estaduais do partido. Em Blumenau, a deputada federal Ana Paula Lima (PT) teve 29.071 votos. Lula fez 52.292 na cidade no segundo turno. Em Joinville, Carlito Merss (PT) totalizou 23.278 votos, contra os mais de 81 mil votos de Lula.

Na Capital, Lela (PT) teve 16.001 votos, o equivalente a 5,78% dos votos válidos. Um resultado muito distante dos 148.244 votos de Lula em 2022,

que representaram 46% do total — a Capital deu ao presidente um dos melhores resultados do PT em 2022.

O cenário é considerado preocupante por lideranças de esquerda no Estado, especialmente porque a direita ganhou espaços e avançou sobre o centro. Assim como no cenário nacional, o MDB deixou de ser o partido com mais prefeituras em SC. O posto foi assumido pelo PL. O movimento já havia sido previsto pelo diretor de pesquisa do Instituto Quaest, Guilherme Russo, em agosto.

— Candidatos mais à direita serão eleitos novamente, teremos uma representação de vereadores bem radical à direita nas próximas eleições. Está claro que esta força não vai embora nos próximos anos, e o fato de termos o governo Lula fortalece esse sentimento antipeetista — afirmou Russo na época.

Décio Lima, no entanto, tem um olhar otimista para o resultado.

— Temos que olhar o resultado comparado a 2020, quando vivíamos o pior ambiente depois do golpe de 2016. Em Blumenau, nossa candidata quase quadruplicou os votos que teve em 2020. Dobrou a bancada na Câmara. Para nós são resultados otimistas, porque estamos recuperando a musculatura — afirma.



DEPENDÊNCIA DA FIGURA DE LULA É OBSTÁCULO PARA CRESCIMENTO

O cenário da esquerda em Santa Catarina não difere do restante do país. Nacionalmente, o PT e a esquerda aumentaram o número de prefeitos eleitos, em comparação com 2020. Disputarão o segundo turno em quatro capitais, mas o cenário indica que as chances reais de vitória passam apenas por Fortaleza (CE). O diagnóstico é de que a esquerda depende demais da figura de Lula, e tem dificuldade em lançar novas lideranças com capital político competitivo.

As eleições municipais de 2024 estão sendo marcadas no país por um crescimento dos partidos de direita e de centro, com destaque para o PSD de Gilberto Kassab, que conseguiu derrubar a hegemonia do MDB e assumir a liderança entre os partidos com maior capilaridade. A estratégia do PSD é típica do centro: Kassab está com Lula em Brasília, integra o governo Tarcísio em São Paulo, e nos estados faz uma política “freestyle”. Em SC, por exemplo, aposta no “bolsonarismo sem Bolsonaro”. Décio Lima diz que o crescimento do centro não é um problema, porque partidos como o PSD e o MDB integram a coalizão que elegeu Lula em 2022.

— Lula faz um governo de coalizão com vários partidos que ganharam as eleições em SC. Tem apoio do MDB, que ganhou várias prefeituras, tem apoio do PSD que ganhou várias prefeituras, do União Brasil. Esse é o patrimônio do Lula como estadista. Vamos trabalhar para essa aglutinação ocorrer também em SC — diz.

O cenário, no entanto, é pouco promissor. Com um eleitorado reconhecido como conservador, a maioria dos partidos de centro em Santa Catarina aposta no antipetismo — e tende a reforçar a estratégia até 2026.

ESQUERDA PRECISA VOLTAR A FALAR “A LÍNGUA DO CIDADÃO”

Segundo colocado em Florianópolis, com 115 mil votos, o deputado estadual Marquito (PSOL) foi o destaque à esquerda nas eleições municipais. Mas reconhece o resultado, em geral, revela um

impasse e um desafio para a esquerda. Marquito chama atenção para o índice de abstenção na capital, que chegou a 28% — praticamente o mesmo de 2020, em meio ao auge da pandemia de Covid-19. O deputado pediu à sua equipe uma análise sobre o desinteresse do eleitor, que considera fundamental para traçar o caminho da esquerda em SC.

— A tarefa é a esquerda voltar a ser esperança. Dialogar de forma programática, apresentar soluções e saídas de forma concreta. A esquerda não pode voltar apenas na eleição. Minha campanha foi muito baseada nisso. Essa construção de base social é um trabalho constante. E é preciso também saber ocupar as redes sociais.

A preocupação é com um distanciamento da vida do eleitor. Para Marquito, a esquerda precisa voltar a “falar a língua” do cidadão, se aproximando mais dos problemas mais urgentes.

— As pessoas estão revoltadas com as desigualdades. Mas não estão se reconhecendo no discurso — avalia.

Vereadora mais votada em Criciúma, uma das cidades mais conservadoras do Estado, base eleitoral de deputados bolsonaristas como Julia Zanatta (PL) e Daniel Freitas (PL), Giovana Mondardo tem uma análise semelhante à de Marquito.

— A esquerda está enfrentando dois problemas centrais. O primeiro é uma disputa da consciência, é não falar mais sobre os problemas reais. Passei quatro anos sendo a única vereadora de oposição, apontando problemas do executivo, e isso ajudou na minha votação. O segundo ponto é uma transição geracional — diz.

Para Giovana, a mudança de rota na esquerda fez com que os partidos perdessem o discurso antissistema, que foi absorvido pela extrema direita:

— A esquerda não conseguiu apresentar outro ponto de vista. O discurso antissistema sempre foi nosso, de que a política institucional é um caminho para transformar a sociedade. Quando a gente para de fazer esse discurso, é mais fácil para a extrema direita assumir essa posição e negar toda a institucionalidade.

1 Em Chapecó, o deputado federal Pedro Uczai (PT) polarizou disputa com o bolsonarista João Rodrigues (PSD)

2 Segundo colocado em Florianópolis, o deputado estadual Marquito (PSOL) foi o destaque à esquerda nas eleições municipais

EM BALNEÁRIO CAMBORIÚ, PETISTA DEVE SE CONTRAPOR A FILHO DE BOLSONARO

Proporcionalmente, o vereador de esquerda mais votado nas grandes cidades de SC foi Eduardo Zanatta (PT), reeleito em Balneário Camboriú, que chegou a quase 4% dos votos — um petista no território da direita, local escolhido para sediar a versão brasileira do congresso internacional conservador CPAC.

No primeiro mandato, Zanatta atuou em pautas como tarifa zero, cannabis medicinal e investimentos federais. A tendência é que polarize as atenções com Jair Renan Bolsonaro (PL), o filho zero-quatro do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), que se elegeu o vereador mais votado em Balneário Camboriú.

— A extrema-direita sai como derrotada em Balneário Camboriú, numa demonstração de que novos ventos passam por aqui. Eu continuarei a defesa que faço da população da nossa cidade e não medirei esforços para mostrarmos que o povo de Santa Catarina não quer ficar de costas para o novo momento em que vive o Brasil — diz Zanatta.

O embate com Jair Renan já lhe rendeu projeção nacional, em alguns dos principais jornais do país. Desde o resultado das eleições, tem provocado o filho de Bolsonaro dizendo que vai “obrigá-lo a falar” na Câmara de vereadores — lembrando que Jair Renan foi proibido de se manifestar em um comício pelo pai.

Promessa de renovação à esquerda, Zanatta teve a candidatura a deputado estadual breçada pelo partido em 2022. Este é um outro ponto bastante citado pelas lideranças de esquerda — algumas delas, ouvidas sob reserva. A falta de oportunidade para novas lideranças, e de pragmatismo nas escolhas, impactam os resultados em Santa Catarina.

— Observando outros lugares onde a esquerda teve unidade, penso que se tivéssemos unificado as candidaturas teria aumentado a bancada na Câmara, diante do que ocorreu em outras capitais — diz Marquito.

DC Revista, AN Revista e Santa Revista (12.10 – 18.10.2024)

Cultura & Comportamento

“FÃS DE PAUL MCCARTNEY CONTAM OS DIAS PARA SHOW”

Fãs de Paul McCartney contam os dias para show / Henderson Speck / Professor
aposentado de Desenho Técnico / Universidade Federal de Santa Catarina /
UFSC

Capa DC Revista e AN Revista



FÃS DE PAUL MCCARTNEY CONTAM OS DIAS PARA SHOW

MARIANA BARCELLOS
mariana.barcellos@nsc.com.br

Diferentes gerações irão se encontrar no próximo sábado (19) no estádio da Ressacada, em Florianópolis, para assistir ao show de Paul McCartney. Com mais de 1 bilhão de discos vendidos no século passado, os Beatles ainda figuram entre os mais tocados na plataforma de streaming do Spotify. Paul, de todos os integrantes, talvez seja quem melhor representa a “cola” que une esses fãs de idades diferentes: a capacidade da música de emocionar.

SEIS DÉCADAS DE MÚSICA

Para o professor aposentado Henderson Speck, de 71 anos, os Beatles foram o início de sua paixão pela música, que já dura quase seis décadas. Ele começou a ouvir a banda quando era adolescente e estudava na antiga escola técnica de Florianópolis (atual Instituto Federal de Santa Catarina, o IFSC).



No final de 1969, ganhou um violão de presente, que guarda até hoje, e aprendeu as músicas da banda favorita em partituras, compradas em bancas de jornal. — Eu acho que sempre tive uma ligação com a arte, mas a música na minha opinião é realmente fundamental para todas as pessoas. Foi a partir dos Beatles que eu comecei a ter interesse realmente pela música — recorda Henderson, que mais tarde se tornou professor de Desenho Técnico na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Quando os ingressos para o show de Paul em Floripa começaram a ser vendidos, no dia 26 de junho, ele foi o primeiro a chegar na fila, às seis da manhã. Esta será a sexta apresentação do ídolo que ele irá assistir. Desta vez, vai acompanhado do filho, e pretende levar um cartaz.

— Na minha opinião, Paul é o maior gênio vivo atualmente. Junto com o John Lennon, ele fez mais de 200 composições. Fez quase 20 álbuns após a separação dos Beatles, até se aventurou na música clássica. Ele poderia só usufruir do que ganhou até hoje, né? Mas continua aí, com 82 anos, fazendo shows e sendo carismático. Esta talvez seja a última vez que eu vou ter a oportunidade de vê-lo.

PORTAL PARA O PASSADO



Para a jornalista Camila Latrova, de 48 anos, Paul McCartney é uma forma de acessar recordações da infância. Ela lembra bem da primeira vez que ouviu os Beatles: quando era pequena, ela e sua mãe escutavam uma fita k7 com sucessos da banda dentro de um fusca de cor verde, durante a viagem de cerca de 40 minutos até a casa de sua avó.

— A música é um negócio muito bizarro, né? Porque eu tinha 9 anos, eu não sabia inglês. Eu ouvia “In My Life” e sentia aquela música. Aí depois eu fui aprendendo inglês, e fui entender as letras: “Ah, por isso que ele canta assim, é isso que ele fala”. Na adolescência, comecei a comprar meus próprios CDs, e fui me apaixonando de verdade.

Nesta época, entre o final dos anos 1990 e início dos 2000, os Beatles já estavam separados há anos. Mas o lançamento do projeto “Anthology” reacendeu a “beatlemania”. Camila participou de fã-clubes e lembra que recebia fanzines por correio. Hoje, sua casa é toda decorada com referências aos Beatles. Ela aguarda ansiosa pelo show de Paul em Floripa, onde vive há mais de 20 anos. Em 2012, ela foi ao show, mas passou por uma experiência amarga.

— Eu tomei um golpe. Eu estava chegando no show junto com um amigo, e aí apareceu um homem de terno, usando um crachá. Achei que ele era da produção. Ele pediu para conferir o ingresso, e trocou o ingresso. Quando a gente chegou na roleta, os ingressos não passavam. Fiquei duas horas e meia sentada perto da catraca, chorando muito. Depois de muito desespero, a produção deixou a gente passar. E aí eu não curti nada, não tirei foto, não ficamos num lugar bom. Agora, quero ir para ficar de boa e curtir o show.

PAI E FILHO

Diego Mello, pai, e Diogo, filho, são famosos no Brasil inteiro entre os fãs de McCartney. Moradores de Criciúma, eles protagonizam um vídeo que viralizou em 2013, no qual o menino, na época com quase 2 anos, toca ukulele e entoou, gritando, o refrão de “Don’t Let Me Down”. O pai canta e toca violão junto. — A gente gravou e saiu de primeira. Aí no outro dia eu levei para mostrar para toda a agência (do banco onde trabalhava). Todo mundo adorou. Aí eu resolvi postar no YouTube, sem pretensão nenhuma, e depois o resto é história — conta

Diego, que hoje tem 43 anos.

O vídeo acabou ganhando grande visibilidade, foi parar na TV e foi compartilhado por famosos como o ator Kevin Bacon e o guitarrista Brian May, do Queen. No ano passado, o vídeo original completou 10 anos, e eles fizeram um remake, com Diogo tocando violão, agora com 13 anos de idade.



Diego e Diogo estão ansiosos para o próximo show de Paul McCartney em Florianópolis. Será a segunda vez que assistirão Paul juntos, depois de verem ele em Curitiba, durante a última passagem do ex-Beatle pelo Brasil, em 2023.

— A expectativa está maior desta vez. O que mais me chama a atenção nos Beatles é a criatividade. Minha música favorita do Paul é “When I’m Sixty-Four”, porque ele faz uma analogia de quando ele ficar mais velho — diz Diogo, citando a música lançada no álbum Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band. (1967), mas composta por Paul quando ele tinha 16 anos. Uma charge de 2012 feita por Zé Dávila para o Diário Catarinense mostra Paul assistindo ao vídeo de Diego e Diogo, e exclamando: “Agora vou ter que voltar a Santa Catarina”. — E não é que ele voltou? — comemora Diego.

A FÃ NÚMERO 1

Se há uma fã número 1 de Paul McCartney em SC, é Sonia Regina Machado Machado. Moradora de Joinville, a professora de 69 anos também se autointitula de Sônia McCartney e já foi a 38 shows do ídolo. Ela vai nos dois shows em São Paulo, neste fim de semana, e depois voltará para o concerto em Florianópolis.

— Eu sou aposentada, mas preciso trabalhar para fazer essas loucuras aí, né? No ano passado ele fez oito shows aqui no Brasil e eu fui nos oito. Não teve jeito, eu tive que ir. Quem me dera ir a todos fora também. Já fui pra Inglaterra, Escócia e Argentina — conta.



A paixão começou em 1964, quando Sonia ouviu “Twist and Shout” no rádio, e seguiu por toda a vida. Ela diz que chegou a gostar de outros artistas, mas nenhum chegou perto de desbançar Paul McCartney.

Em 2012, Sonia assistiu ao show em Floripa, mas passou por alguns perrengues por conta da chuva que caiu no dia. Agora, ela se diz ansiosa para o próximo show:

— Estou bem feliz, até porque eu vou levar meu neto, que vai ver um Beatle pela primeira vez. Ele tem 16 anos e vai conhecer o vovô dele — brinca.

“QUEREMOS COLOCAR SANTA CATARINA NA ROTA DOS GRANDES ESPETÁCULOS”

Responsável pela vinda de Paul McCartney a Florianópolis, o produtor Paulo Fellin tem a intenção de colocar a capital catarinense na rota dos shows internacionais no Brasil. Experiência não falta: ex-vice-presidente do Rock in Rio, ele foi responsável pela contratação artística do festival durante 18 anos, inclusive nas edições de Madri, Lisboa e Las Vegas. Recentemente, Fellin liderou a organização do show de Madonna em Copacabana.

Em entrevista para a NSC, o paulista falou mais sobre o “legado” que quer deixar na cidade que o acolheu há 30 anos.

Faltam poucos dias para o show. Como está a expectativa e o andamento das montagens?

Estamos finalizando as montagens das áreas externas ao estádio, como escritórios de produção e parte do camarim do artista. Também estamos realizando algumas obras no gramado para acomodar melhor a entrada e saída do público, de acordo com a legislação e solicitações do Corpo de Bombeiros. A partir deste sábado [12 de outubro], começamos a montagem interna no gramado, palco, bares, banheiros... Estamos dentro do cronograma e esperamos entregar tudo no prazo. Os equipamentos internacionais vêm de São Paulo, após o show de lá, acomodados em 20 carretas. Chegam no dia 17 [de outubro]. Até dia 19, montamos telões, equipamentos de palco, enfim... tudo que faz um show funcionar.

Você já mencionou em outras ocasiões sobre a intenção de colocar Florianópolis na rota dos grandes shows. Qual a situação atual do mercado de shows na cidade?

Shows nacionais nós temos bastante. Temos casas que comportam 14, 15 mil pessoas, que é o tamanho da demanda que temos aqui. Mas shows internacionais, não temos muito, principalmente em estádio. O último foi em 2012, do próprio Paul McCartney. A minha ideia, dentro do mundo que eu vivi por 40 anos, é de começar a trazer para Florianópolis a possibilidade de mais shows internacionais. Há falta de artistas que parem aqui.

Geralmente, os artistas vêm a Curitiba, depois vão a Porto Alegre. A gente costuma dizer que os shows passam por cima da gente. Isso faz com que o mercado local não tenha o hábito de realizar eventos desse porte. Então quando você vai realizar um evento deste tamanho, você tem que

trazer uma nova realidade que um show internacional demanda.

A ideia, com esse projeto, é que depois tenhamos um estudo já realizado, em que a gente consiga fazer com que Florianópolis possa ter uma prática e que tenha potencial de viabilizar esses grandes concertos. E aí eu falo não só da parte de estrutura, do estádio e de serviços prestados durante o show, mas também no hábito do povo de comprar esses ingressos. Eu sinto que há uma demanda reprimida no Estado. Quando há shows em São Paulo, Curitiba e Porto Alegre, as pessoas se deslocam até lá.

Outra questão também é com o poder público, de criar uma rotina e um histórico de apoiar esse projeto, porque projetos como esse trazem um impacto econômico na cidade e no Estado, e também uma exposição internacional. Quando você tem um artista como Paul McCartney se apresentando aqui, automaticamente a imagem de Florianópolis e de Santa Catarina vai ser divulgada para o mundo todo.

Você acha que Floripa está ganhando espaço em relação a Porto Alegre e Curitiba? Qual o potencial da Capital?

Acho que tem espaço para todos. Florianópolis é uma cidade que cresceu muito nos últimos 30 anos. Eu sou paulista, mas moro aqui há 30 anos. É uma cidade cada vez mais procurada por pessoas que moram em grandes centros, como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Agora, temos também a facilidade de ter voos internacionais diretos, temos o melhor aeroporto do Brasil... tudo isso ajuda a gente a fazer esses movimentos, não só no segmento de entretenimento, mas em tudo.

Eu estive recentemente em uma reunião com o secretário de Segurança Pública do Estado [Flávio Rogério Pereira Graff], e Santa Catarina tem índices de criminalidade muito baixos. O Estado é muito seguro, a Capital é muito segura. Nós temos que divulgar essas qualidades. E nada como divulgar através da cultura, e colocar Florianópolis e Santa Catarina na rota dos grandes espetáculos.

Você já falou um pouco sobre o apoio do poder público a um projeto como esse. E a iniciativa privada, como poderia colaborar?

Principalmente em patrocínio. É uma área que a gente ainda tá engatinhando, infelizmente. A gente, quando faz shows assim, tem que trazer ao menos uma marca



BEATRIZ MOMM, DIVULGAÇÃO

Ex-vice-presidente do Rock in Rio, Fellin liderou a organização do show de Madonna em Copacabana

nacional grande — no nosso caso, estamos trazendo a Ambev, que é uma parte importante do plano de negócio. Localmente, eu consegui, junto ao Angeloni, uma cota importante de patrocínio, que entendeu que é uma possibilidade de investimento que acaba retornando à empresa. Acho que falta um pouco essa cultura, principalmente nas grandes empresas locais.

Como Floripa pode se beneficiar do turismo com a realização de shows internacionais? Você acha que as pessoas viriam assistir ao show também pra conhecer a cidade?

Com certeza! A gente tem 40% dos ingressos sendo vendidos para fora de Santa Catarina. Essas pessoas vêm para cá e vão consumir em hotéis, táxis, restaurantes, shoppings... Você tem um impacto econômico direto. Fora empregos e contratos que você gera. É um turismo além do verão. Um objetivo nosso é que, trazendo mais shows, a gente crie outros verões.

Você diria que o show do Paul seria um teste para trazer mais artistas internacionais?

Eu não diria que é um teste, porque na verdade a gente teve a oportunidade de trazer ele (Paul McCartney) para cá e corremos atrás. Estamos colocando em prática o que eu estava imaginando para Florianópolis. Eu estou muito animado com isso. Por isso que eu digo que, se eu puder seguir com shows internacionais e esse for um legado que eu deixo para a cidade, eu ficaria muito feliz.

DC Revista, AN Revista e Santa Revista (12.10 – 18.10.2024)

Estela Benetti

“No topo da TI, Florianópolis projeta ecossistema de SC”

No topo da TI, Florianópolis projeta ecossistema de SC / Tecnologia / Inovação /
UFSC

No topo da TI, Florianópolis projeta **ecossistema de SC**

Nas últimas duas semanas, Florianópolis ficou no topo de dois rankings importantes sobre o setor de tecnologia e economia criativa. A capital de Santa Catarina liderou o novo Índice de Desenvolvimento Potencial da Economia Criativa (IDPEC), elaborado pela ESPM; e o ranking da FDI Intelligence de cidades da América Latina que tiveram mais startups investidas por capital de risco de 2022 até junho deste ano.

Além disso, pela segunda vez consecutiva, Florianópolis ficou este ano no topo do Ranking de Competitividade dos Municípios, realizado pelo Centro de Liderança Pública (CLP). E a prefeitura da capital venceu o prêmio Sebrae Prefeitura Empreendedora 2024.

Florianópolis é a cidade catarinense com o maior polo de empresas de tecnologia da informação e comunicação. Esse ecossistema que começou há 48 anos evoluiu com as diversas tecnologias e foi gerando empresas, negócios e atraindo investidores.

Vale destacar que entre os indicadores utilizados pela ESPM para fazer o novo índice está o fato de a capital de SC ter o

maior índice de pessoas com ensino superior completo desde 2019. As universidades, em especial a UFSC, têm um papel decisivo nesse desenvolvimento.

Também influenciaram no índice o fato de Florianópolis ser a capital mais segura e possuir a melhor conectividade digital (melhor acesso à banda larga fixa) do país. Além disso, a capital de SC é líder em empreendedorismo, sendo a cidade com a maior taxa líquida de criação de empresas per capita, isto é, a diferença entre o total de empresas abertas e extintas por ano.

De acordo com a ESPM, esse novo índice mostra a cidade mais preparada para desenvolver negócios criativos nas áreas de moda, audiovisual, cinema, software, games, tecnologia e outros.

Santa Catarina conta com centros de tecnologia em diversas cidades, muitas das quais já com ecossistema de inovação em ambiente favorável, com influência e troca de informações com empresas de Floripa. Os investimentos de capital de risco e oportunidades de mercado indicam que a inovação do setor em Santa Catarina pode ir mais longe e avançar também no exterior.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

12/10

Mãe alerta sobre como vape contribuiu para morte de filho aos 20 anos:

'Pulmão não reagiu'

Textos jornalísticos de Walter Benjamin dizem muito sobre hoje

Exposição "Mukabata", do fotógrafo Eneléo Alcides

13/10

Confundida com a pixirica: espécie de planta é descoberta na UFSC após

equivoco de 157 anos